

O PAPEL DO JORNALISTA COMO GESTOR DA INCLUSÃO DIGITAL POR MEIO DA TVDI

Flávia Eloyza Roncolato GALDIOLE¹

Silvia Brandão Cuenca STIPP²

Unesp - Universidade Estadual Paulista-SP

RESUMO

A pesquisa, de caráter científico, tem como objetivo estimular uma reflexão sobre o papel do jornalista como gestor e incentivador da inclusão digital, na era da TV Digital Interativa; discutir sobre o papel do jornalista como produtor de conteúdos interativos capazes de estimular a inclusão da população, mesmo ela sendo formada por indivíduos de diferentes níveis de familiaridade com as tecnologias, utilizadas pelo sistema. Entender qual o papel do jornalista nessa nova forma de comunicação, que utiliza tecnologia digital, que reestrutura a praxis jornalística e de que modo esse profissional pode colaborar e se tornar um gestor para a inclusão digital de seus usuários. A pesquisa, de caráter científico, tem como objetivo estimular uma reflexão sobre o papel do jornalista como gestor e incentivador da inclusão digital, na era da TV Digital Interativa; discutir sobre o papel do jornalista como produtor de conteúdos interativos capazes de estimular população a participar, mesmo ela sendo formada por indivíduos de diferentes níveis de familiaridade com as tecnologias.

PALAVRAS-CHAVE: TV Digital; Interatividade; Inclusão Digital; Jornalismo; Usuário.

¹ Trabalho apresentado no CELACOM, na categoria GT2: Comunicação e gestão dos programas de inclusão digital.

² Graduada do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Votuporanga - Unifev, mestranda do programa de Televisão Digital – Unesp- Bauru, email: flaviagaldiole@gmail.com

³ Professora Mestre e Coordenadora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário de Votuporanga - Unifev, email: spstipp@terra.com.br

INTRODUÇÃO

A televisão é o meio de comunicação mais presente na vida dos brasileiros. Em 2010, quando completou 60 anos, ela estava em mais de 93% dos lares do país, e ocupa papel de destaque quando o assunto é transmissão de conteúdos. Como um meio que sempre está se reinventando, a televisão vai migrar da tecnologia analógica para a digital até 2016, e o início deste processo aconteceu em 2006, quando o governo assinou um acordo com os japoneses para a implantação do padrão ISDB-T como base para a criação da TV Digital brasileira. Também foi criado o Fórum da TV digital para assessorar o Comitê de Desenvolvimento no propósito elaborar as diretrizes específicas para a criação do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD).

A primeira transmissão por sinal digital no Brasil aconteceu em dezembro do ano seguinte, na cidade de São Paulo.

Com a incursão da TV Digital no mundo e também no Brasil, vive-se um momento de transição na forma de se “fazer” televisão. Tanto os profissionais que trabalham nesse meio, como também os públicos, estão se adaptando às novas possibilidades que a TVD proporciona. A melhora na qualidade de som e imagem, a mobilidade e a interatividade são algumas das principais características propostas pela digitalização.

Com a interatividade torna-se possível caminhar em direção ao universo de desconstrução imagética e linguística, das trocas de saberes, da participação ativa e mútua entre emissor-receptor, que se efetiva em condições colaborativas de produção de conteúdo por parte do usuário. (FEITOSA, ALVES, FILHO *apud* ALVES, MÉDOLA, 2009, p. 45).

Neste processo, torna-se relevante discutir os efeitos que a incursão da TV Digital Interativa no Brasil e no mundo pode causar na prática do jornalismo, no próprio trabalho dentro das redações, assim como na relação entre o jornalista emissor e

o espectador usuário. E, ainda, no papel do jornalista como incentivador da inclusão digital, através da comunicação por meio da TVDI.

Na realidade, o mesmo veículo já aclamado – a televisão – ganha a possibilidade de novos recursos tecnológicos e convida o telespectador a deixar a posição passiva. Ocupando papel de destaque quando o assunto é transmissão de conteúdos, agora com a utilização de outras tecnologias, antes não utilizadas nesse veículo de comunicação, a televisão ocupa outro importante papel na sociedade, como meio de promover a inclusão digital da população, que antes não tinha acesso a internet e a diversos serviços.

A TV no Brasil

A televisão é o meio de comunicação mais presente na vida dos brasileiros. Hoje ela está em mais de 93% dos lares do país, e ocupa papel de destaque quando o assunto é transmissão de conteúdos.

A história da TV no Brasil é marcada por acontecimentos importantes. Inaugurada no país em 1950, a televisão passou por um período de emissoras regionais como a Tupi e Record, que tinham como principal característica, a utilização da linguagem vinda do rádio. Entre os anos de 1965 e 1984 começaram a surgir as emissoras em rede como a TV Globo. A utilização da TV pelo Governo Militar como forma de integração nacional. Com o fim da ditadura militar, até o ano de 2002, a televisão se consolidou como principal fonte de informação das famílias brasileiras.

A TV digital brasileira começou a ser gestada por meio do chamamento governamental e a criação de um Fórum da TV digital para assessorar o Comitê de Desenvolvimento que tem como propósito elaborar as diretrizes específicas para a criação do Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD).

Em 27 de novembro de 2003 foi fundado o Comitê do SBTVD, responsável pelos estudos que definiriam o padrão a ser adotado no país. Após estudos conduzidos juntamente com universidades e emissoras de televisão, o sistema foi

apresentado no dia 13 de novembro de 2005 pelo Ministério das Comunicações. (Disponível em: www.dtv.org.br - acesso em 20. maio. 2011).

O fórum, que é formado por pesquisadores, representantes de emissoras e do setor industrial ficou responsável pela elaboração das normas para a criação do SBTv junto a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Depois de uma série de pesquisas realizadas ao longo de 2005, houve a assinatura de um acordo com o Japão para a utilização do padrão ISDB-T como base para o sistema brasileiro. No dia 02 de dezembro de 2007 o governo brasileiro realizou o lançamento oficial da TV digital no Brasil na cidade de São Paulo.

O sistema brasileiro deverá possuir atributos básicos de baixo custo e de robustez na recepção para TVs, com antena interna e, talvez, mobilidade, de modo a atender às necessidades da maioria da população brasileira, garantindo que mesmo aqueles que hoje dispõem de um receptor de TV a cores modesto, não sejam privados de seus atributos básicos, num processo de universalização de seu uso. (BARBOSA, CASTRO in MELO, 2006, p. 150).

Importante destacar a preocupação de criar um sistema que contemplasse não apenas a melhora na qualidade de som e imagem (HDTV), mas em desenvolver uma TV móvel, portátil e interativa. A mobilidade significa que o sinal digital pode chegar até os aparelhos em movimento, como celulares e mini-televisões. Com esse recurso é possível assistir TV dentro do carro, do ônibus ou do táxi, ou seja, a televisão vai estar ainda mais presente na vida das pessoas, e em qualquer lugar que elas estejam.

Outro aspecto importante do sistema brasileiro é a possibilidade de criação de mecanismos que proporcione interatividade, algo desejado pelo público consumidor, que hoje se mostra conectado com diferentes mídias, televisão, celular, internet. “Apesar de um tanto utópica no contexto da comunicação de massa, essa

posição reflete não apenas o anseio nacional por uma mídia mais abrangente, como também o emergente interesse das pessoas por ‘interatividade’.” (TEIXEIRA, 2009, p. 71).

Além disso, o governo brasileiro escolheu que o sistema de telefonia digital será aberto, livre e gratuito para todos, a fim de garantir a igualdade e acessibilidade para todos os brasileiros. Esse direito está garantido no artigo 4º do decreto sobre a implantação do SBTVD.

Interatividade

O termo interatividade é recente e começou a ser usado em 1960, dentro do contexto da informática para qualificar a relação entre homem e máquina, mais especificamente entre o computador e seu usuário. Ou, ainda, em 1970 quando surge a tecnologia do hipertexto, que permite ao usuário escolher o conteúdo que quer acessar e promovendo interação com o computador.

A palavra interatividade vem de interação, que no *Dicionário Aurélio* (Ferreira, 2000, p. 395) é classificada como “ação que se exerce mutuamente entre duas ou mais coisas, ou duas ou mais pessoas”. Já o termo interatividade é qualificado sobre o conceito técnico “Caráter ou condição de interativo. Capacidade (de um equipamento, sistema de comunicação ou de computação, etc.) de interagir ou permitir interação”. Pode-se concluir que interação se dá pela relação direta ou indireta entre dois indivíduos. Já a interatividade só ocorre pela mediação de um aparelho eletrônico, como, por exemplo, o computador.

A TV digital se define na tecnologia que utiliza como plataforma de base a linguagem em zeros e uns. Já TV interativa é aquela que possui diversos dispositivos de interação, que não depende apenas da digitalização, mas da relação do indivíduo com o meio. Podemos instalar dispositivos de interação em uma TV analógica e ela se torna uma TV interativa. Assim como uma TV digital pode conter os dispositivos interativos e não serem usados, então, nesse caso, a TV digital não será interativa.

Comunicação e inclusão digital

A televisão digital é vista como peça-chave para a promoção da inclusão digital, nesse contexto a comunicação e os jornalistas responsáveis por ela devem ser os gestores e incentivadores dessa inclusão.

Não basta ter dispositivos de interação se o emissor e o receptor não souberem utilizá-los da forma mais adequada. Para isso, é preciso pensar no termo usabilidade. Um dispositivo só será realmente útil se ele for bem “usado”.

A palavra usabilidade veio do campo da ergonomia, que é o estudo das relações entre homem e máquina, buscando uma melhor e mais segura interação entre eles. Hoje o termo usabilidade se tornou transdisciplinar e significa conseguir um melhor desempenho da máquina em relação ao seu contexto.

A TV digital abre inúmeras possibilidades de interação que antes não eram possíveis de serem executadas nesse meio. Coisas comuns do nosso dia a dia poderão ser incorporadas, como pedir uma pizza, verificar e-mails, pagar contas, marcar consultas médicas, fazer compras e até ver a previsão do tempo. Além, de formas de interação mais complexas como se comunicar com outros interagentes, até mesmo com a própria emissora de TV e enviar sugestões, participar de enquetes e enviar vídeos.

Todas essas possibilidades, que surgem com a interatividade da televisão, poderão auxiliar na ascensão da inclusão digital da população. Por isso, é tão importante o estudo desenvolvido nessa área.

A tecnologia digital começou a prosperar no momento em que estabeleceu um diálogo direto com algumas tendências culturais do mundo contemporâneo (interatividade, conteúdos de criação colaborativa, democratização dos produtores, entre outras), e disponibilizou meio para que elas se expressassem. (CANNITO, 2010, p. 156)

Como a TV Digital é um meio “novo”, seus testes de usabilidade devem ser realizados a todo o momento, durante os estudos, o planejamento, desenvolvimento e durante o uso de suas interfaces. Afinal, quando se fala de relação entre homem e máquina o aperfeiçoamento dessa relação se dá com base nas respostas

estabelecidas a partir dessa interação. No *feedback* da máquina e do usuário é possível perceber as “qualidades e defeitos” do sistema e no que ele pode melhorar.

Para que a interação aconteça de forma eficiente e não ofereça obstáculos, deve-se pensar também nos profissionais que cuidarão dos conteúdos. Os jornalistas ocupam então o papel de gestores de conteúdo e responsáveis por incentivar e promover a inclusão digital da população.

Para isso, é preciso que se constituam estratégias de produção de conteúdos, de aplicativos que sejam de fácil acesso a população e que beneficie os usuários, com os mais diferentes níveis de familiaridade com as tecnologias utilizadas no sistema.

Mas, esse processo de inclusão digital também depende do usuário final. Para que a interação aconteça, o receptor (usuário) precisa mudar sua forma de agir frente à televisão e o emissor. Jornalistas, produtores de conteúdo, também precisam adaptar a linguagem utilizada, repensar e reformular a forma de se comunicar com o receptor. Para ocorrer a inclusão e a interatividade que o sistema digital propõe é preciso que o usuário e o emissor mudem suas maneiras de ver, fazer e usar a televisão.

O estudo dos mecanismos de interação é fundamental para que a inclusão digital aconteça na TVDI. É também necessário um bom planejamento estratégico dentro da equipe produtora de conteúdo. Os diferentes profissionais que compõem essa equipe, como repórter, apresentador, *designer* de interface, jornalista, produtor, editor, entre outros, todos eles precisam entender que só se produz algo verdadeiramente interativo quando essa interação começa dentro da produção entre seus diversos elaboradores. Assim a equipe de criação vai poder trabalhar de forma mais produtiva e satisfatória.

A TVDI dá a liberdade para a audiência (espectador) interagir com a programação e exercer o papel de colaborador do processo de criação da televisão e de divulgação da informação.

É fato que algumas pessoas terão dificuldade nessa adaptação. Quem já está acostumado com sistemas digitais como celular e *web* farão maior usabilidade. Para aqueles que se encaixam na faixa de pessoas que nunca tiveram acesso e contato com os meios digitais será preciso um pouco mais de tempo para a adaptação. Mas nada que seja impossível de acontecer.

A história nos mostra que a base do sucesso da TV está em atingir públicos de diferentes faixas etárias e classes sociais. Portanto, não se deve esperar que todos sejam capazes de interagir, seja qual for a interface usada no aplicativo. Deve-se facilitar ao máximo a usabilidade, a fim de assegurar o interesse e a participação do público. (CANNITO, 2010,p 150).

O mais importante é que a TVDI vai permitir não apenas que o consumidor escolha o que deseja assistir, mas também em que papel ele deseja atuar nesse sistema: apenas como receptor passivo, como programador de sua própria grade de programas ou como colaborador e até mesmo criador de informações. A interatividade com seus diferentes níveis de atuação vai estar diretamente atrelada ao grau de interesse da pessoa nessa relação entre a TV e seu usuário e será capaz de promover a inclusão digital desse usuário que antes não tinha acesso a esses serviços.

Conclusão

Para que a comunicação, por meio da TV Digital, promova a inclusão digital da população é preciso levar em consideração que o espectador também precisa mudar sua maneira de assistir a televisão. Ele precisa ser instigado a mudar da condição de receptor passivo, para espectador colaborativo, ou seja, a interagir com a televisão, escolher, comprar, sugerir, enfim, utilizar os dispositivos oferecidos pelo canal.

Desta forma, jornalistas e espectadores poderão realmente interagir por meio do sistema digital de televisão. E tornar a forma de comunicação muito mais direta e pessoal, o que vai depender do funcionamento dos dispositivos de interação. A usabilidade é fator fundamental para que a interação aconteça sem ruídos ou desconforto para ambas as partes. Assim, o “usuário ativo” vai poder desfrutar com facilidade os diferentes tipos de serviços possíveis com o sistema digital de televisão.

Cabe ao jornalista como produtor de conteúdo assumir o papel de gestor dessa comunicação e estimular a inclusão digital desses usuários, por meio do desenvolvimento de aplicativos e serviços, utilizando o sistema de TVDI.

A interação proposta com a TV Digital só vem a acrescentar na comunicação como um todo e facilitar a inclusão digital de seus usuários. Ela poderá tornar ainda mais real e direta a relação entre jornalistas e espectadores, no sentido de colaborar na produção de conteúdos mais atualizados, condizentes com a realidade e, principalmente, que relate temas de interesse público. Afinal, esse é o principal e mais genuíno objetivo do jornalismo. Além de promover a inclusão digital daqueles que antes não tinham acesso a internet e a alguns serviços disponíveis nela, que com a TVDI podem chegar até essa parcela da população antes excluída.

REFERÊNCIAS

ALVES, Kellyanne; MÉDOLA, Ana Sílvia D. L. **Lógicas Colaborativas do Telejornalismo no Espaço Digital**. In: 1º Simpósio Internacional de Televisão Digital, 2009. Disponível em:

<[http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simtdv/anais/ALVES%3B%20M%C9DOLA%20-%20L%F3gicas%20Colaborativas%20do%20Telejornalismo%20no%20Espa%27o%20Digital%20\(36-52\).pdf](http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simtdv/anais/ALVES%3B%20M%C9DOLA%20-%20L%F3gicas%20Colaborativas%20do%20Telejornalismo%20no%20Espa%27o%20Digital%20(36-52).pdf)>. Acesso em: 12 out. 2010.

AMARAL, Roberto; LAPOLLI, Mariana; GUIMARÃES, Juliana; SPANHOL, Fernando José. **O Processo Criativo na elaboração de Conteúdos Interativos para a TV Digital**. In: 1º Simpósio Internacional de Televisão Digital, 2009. Disponível em:

<[http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simtdv/anais/AMARAL%3b%20LAPOLLI%3b%20GUIMAR%20ES%3b%20SPANHOL%20-%20O%20processo%20criativo%20na%20elabora%27e%20de%20conte%20fados%20\(53-69\).pdf](http://www2.faac.unesp.br/pesquisa/lecotec/eventos/simtdv/anais/AMARAL%3b%20LAPOLLI%3b%20GUIMAR%20ES%3b%20SPANHOL%20-%20O%20processo%20criativo%20na%20elabora%27e%20de%20conte%20fados%20(53-69).pdf)>. Acesso em: 12 out. 2010.

CANNITO, Newton. **A Televisão na era Digital**. Entrevista concedida ao *blog* parabólica, da rádio Jovempan.

Disponível em:

<<http://blogs.jovempan.uol.com.br/parabolica/entrevistas/entrevista-a-televisao-na-era-digital/>>. Acesso em: 12 abr. 2010

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

LEÃO, Lucia (organizadora). **O chip e o caleidoscópio** - reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

MACHADO, Flávia Oliveira; JESUS, Antonio Carlos de. **Meandros da implantação**: Interatividade na televisão digital brasileira: apresentado no Celacom, 2009. Disponível em:

<http://www2.metodista.br/unesco/1_Celacom%202009/arquivos/Trabalhos/Flavia_Meandros.pdf>. Acesso em: 12 out. 2010.

MELO, José Marques de Melo; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (orgs.) **Mídia Cidadã, utopia brasileira**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

Revista Famecos - **Mídia, cultura e tecnologia** - nº 40 - dezembro 2009 - ISSN 1415 – 0549. Disponível em:

<<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/5965/5270>>. Acesso em: 26 out. 2010.

SBTVD - Lançamento da TV digital no Brasil

Disponível em:

<<http://www.youtube.com/watch?v=OL6em-TmSi4>>. Acesso em: 08 out. 2010.

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. **Impactos ocupacionais e educacionais da TV Digital no Brasil**. Brasília: SENAI/DN, 2008.

TEIXEIRA, Lauro. **Televisão Digital** – interação e usabilidade. Goiânia: UCG, 2009.

1º Simpósio Internacional de Televisão Digital: resumos. Bauru: Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. SIMTVD, 2009.